

Minha planta preferida

Maxillaria

Oscar V. Sachs Jr. *

QUANDO ALGUÉM ME PERGUNTA QUAL A minha orquídea predileta, lembro uma passagem contada por Érico Veríssimo, num dos seus livros de viagem. Num jantar diplomático, um cidadão, sentado a seu lado, se pôs a falar: "Detesto Bach! Não aguento aquele cachorro-vai - cachorro-vem! Aquilo é enjoativo! Mas, amigo, qual é o teu compositor preferido?" Érico respondeu: "João Sebastião Bach". Após um breve silêncio, retomou o chato: "Por supuesto, uno de los mayores genios de la humanidad!"

Assim, também, reagem, quando respondo àquela pergunta: "É a *Maxillaria*". "Ah, sim, um gênero muito interessante", dizem - e mudam de assunto.

Antes que me considerem um idiossincrático, ou coisa pior, devo, de início, me pôr ao lado de noventa e nove por cento dos orquidófilos brasileiros, declarando que sou (e não escondo) purpureteiro, labiateiro e cattleiro de um modo geral. Como muitos companheiros de orquidofilia, cheguei a ela "fisgado" pela *Laelia purpurata*, minha primeira planta, presente - florida - de meu tio Afonso Schmidt, de Araras. Isso, há quase vinte anos, atrás.

Entusiasmado, resolvi ir às fontes. Com meu filho Fábio, muitos fins de semana íamos à Serra do Mar, no caminho velho de Ubatuba, e, de lá, voltávamos com mudas de *Epidendrum*, *Pabstia*, *Miltonia*, *Rodriguezia*, *Zygopetalum* (os nomes eu sei hoje) e, na primeira vez, algumas touceiras de planta de boa vegetação, com botões prometendo flores para poucos dias.

Assim, a primeira planta a florir em meu precário orquidário (era um velho e enferrujado bagageiro de automóvel, preso em quatro pedaços de caibro, embaixo de um jasmim-manga) foi uma perfumada *Maxillaria picta*. Essa planta, anos depois, foi elogiada por Waldyr Endsfeldz na reunião em que fundamos nossa sociedade orquidófila - e eu me lembro disso como me lembro do primeiro prêmio numa Exposição de Orquídeas.

Mas... *picta* ou *ubatubana*? *ochroleuca* ou *ro-*

driguezii? *vitelliniflora* ou... As dúvidas eram muitas e comuns aos meus companheiros. Numa reunião da Sociedade, propus que cada um de nós procurasse estudar um gênero, um só, para que a gente tivesse, não propriamente especialistas, mas alguém com um pouco mais de conhecimentos, que partilhasse com os outros (sempre fui assim, meio otimista). A idéia até teve alguns adeptos, mas com o tempo... Eu, porém, persistente, fiquei com a minha *Maxillaria*.

Para sanar minhas dúvidas, fui atrás dos meus "alemães", um mineiro (e de Juiz de Fora, uai!), outro gaúcho: Frederico Carlos Hoehne e sua "Flora Brasílica", Guido Pabst e sua "Orchidaceae Brasilienses". Dois extraordinários autodidatas, sem maior formação acadêmica, que nunca precisaram ser chamados de



Maxillaria parkeri

Roberto Agnes

"doutores".

Mas, quando você abre um livro sobre orquídeas e se propõe identificar uma flor, aí então, amigo, as coisas começam a complicar para o seu lado. Comigo aconteceu de sair atrás de maxilárias, como no meu tempo de menino a gente ia atrás de figurinhas, marcas de cigarro, selos e quantas coisas mais o *Homo collector non sapiens*, desde cedo, gosta, obsessivamente, de juntar.

Ai, aquelas situações que muitos orquidófilos já viveram: encontrar numa Exposição uma planta que ainda não tenho e ficar "campeando" o dono (que, às



vezes, só chega na hora afobada de retirar as plantas) para propor por troca de um "cortinho" por um corte de alguma planta que eu tenha levado. Muitas vezes ganhei a muda num gesto generoso.

Ou, então, em excursões às matas, meus amigos procurando a *Cattleya bicolor atrocerúlea*, só vista em desenho no livro americano, e eu garimpando moitinhas de maxilárias.

Esta busca me fez conseguir, por paciência esgotada do Luiz, passar pelas tabuletas de "Área proibida" da Florália (me sentindo um transgressor) e descobrir grandes e maravilhosas touceiras de *Maxillaria vernicosa* e *Maxillaria cerifera* nos recantos proibidos.

Também passar uma tarde andando livremente (e com que satisfação) pelas estufas do Binot, na mesma Petrópolis, o que recomendo como remédio eficiente contra qualquer estresse. A mesma coisa na Quinta do Lago e na Aranda, em Teresópolis. O Pires, do Bela Vista, de Assis, o meu dileto amigo Reinaldo, em Santa Isabel, o indestrutível Érico de Freitas Machado, do encantado sítio Florabela, também com eles consegui espécies e variedades de *Maxillaria*.

Com meu amigo Jaci Barbosa, de Ponta Grossa, não tive sucesso (por enquanto). Palavras dele: "Não vou te dar um rabicho desta planta. Vai lá na minha terra que te arrumo uma bacia delas" - e faz o gesto descrevendo o tamanho da touceira. Qualquer dia eu vou.

Há sempre surpresas no estudo deste gênero. Encontra-se, por exemplo, uma planta (ou diversas plantas) com folhas muito diferentes entre si e apresentando a mesma flor. Hoehne, apropriadamente, chamou-a de *M. heterophylla*, com, pelo menos, 6 variedades, indo das folhas curtas e largas às aciculadas, com variações proporcionais nos pedúnculos. Incluiu, aí, a *M. cogniauxiana*, que ele descrevera em 1933. Mas Pabst, implacável, nos informa que as regras da nomenclatura obrigam o uso do nome *cogniauxiana*, validamente publicado, não podendo ser substituído ou alterado, ainda que pelo próprio autor! E *heterophylla* ficou sendo apenas uma sinonímia.

Para encerrar, lembraria que o livro de Hoehne é de 1953, o de Pabst é de 1975. Talvez estivesse na hora de um dos nossos orquidólogos fazer uma revisão do gênero. Seria uma tarefa de muito fôlego. Eu, como orquidófilo e aficionado deste intrigante gênero, agradeceria.

Bibliografia

- GONZALEZ Raposo, Pe. José - "O Gênero *Maxillaria* e Suas Espécies Mais Importantes" - Boletim do Círculo Rioclarense de Orquidófilos, N^o 91 a 95 - 1977.
HOEHNE, Frederico Carlos - *Flora Brasílica* - Vol. XII - Secretaria da Agricultura - São Paulo - 1953.
PABST, Guido F. & DUNGS, F. - *Orchidaceae Brasilienses* - Bruck Verlag, Kurt Schmiersow - Alemanha - 1975 (Tomo I) e 1977 (Tomo II).

* CP 119

12010-970 - Taubaté, SP.

Dicas de semeadura.

Semear com sementes extraídas de cápsulas imaturas é um procedimento muito bom porque ganha-se tempo e, também, porque não há necessidade de esterilizar as sementes, eliminado, assim, o risco de perda de fertilidade, por vezes, consequente do processo de esterilização. É necessário, contudo, ter um lugar asséptico, onde se possa trabalhar sem grandes riscos.

É preciso, porém, esterilizar a cápsula antes de abri-la. Deixe-a de molho, por meia hora, em água sanitária pura. Retire e lave com água limpa e, depois, mergulhe, rapidamente, em álcool e flambe. Está pronta a cápsula para ser aberta.



Roberto Aguiar

Maxillaria seidelii